



PRÓLOGO

Tem pessoas que acreditam que o outro dia só chega após elas dormirem, e outras pessoas acreditam que após a meia noite já é um novo dia e tem pessoas que são ocupadas demais para pensar nisso.

Confesso que eu sempre acreditei que um novo dia só começava quando eu abria os meus olhos, não me importando se fui dormir com o dia já nascendo, o sol nascia de acordo com a minha vontade. Mas naquele momento, no dia doze de uma quinta-feira eu clamei e rezei para que passasse da meia noite o mais rápido possível para que eu deixasse de sentir aquela dor agonizante.

“Só mais um pouco, querida”, diz Plawan acariciando o meu cabelo, apenas soltei um grunhido como resposta e ele voltou para os preparativos na sala.

Era o meu primeiro filho, eu estava apavorada, quando soube que enfrentava uma gestação de risco me abdiquei de tudo e me concentrei apenas nele, sempre que podia ia ao médico, vivia em templos pedindo por bênçãos, mas foi quando fui ao hospital há uma semana atrás e descobri que não tinha chances de Barcode ver a luz do dia nem mesmo se eu me sacrificasse no parto, é que eu entrei em desespero.

E é em momentos de desespero que não nos importamos quem está te ajudando, apenas o fato de estar sendo ajudado é o suficiente, e infelizmente ele não ajudou.

Quando o relógio marcou meia noite em ponto, Plawan me buscou no quarto e me guiou até a sala, me deitei sobre um chalé em meio a grande estrela de seis pontas desenhada no chão do nosso apartamento.

Era impossível não ter medo, só se sabe Deus o que poderia aparecer ali, mas quando Plawan - que sempre foi mais medroso que eu - me perguntou se eu estava com medo eu disse "*não, é apenas o frio*" porque um de nós precisávamos ser forte para dar continuidade com aquilo.

Plawan soltou um suspiro pesado e com as mãos trêmulas ele começou a acender as velas em minha volta.

"Tudo vai ficar bem", ele me garantiu que mesmo sabendo que estávamos invocando um demônio, nada ficaria bem.

Forcei a minha mão não tremer quando a estendi para ele, com um pequeno corte na palma dela, ele preencheu uma vasilha com o nosso sangue.

Deixei minha mente vagar com a ilusão de uma vida bela com os meus dois meninos, eu e Barcode correndo em meio ao campo para levantarmos a sua pipa enquanto Plawan nos observa rindo, a vida dos sonhos e tudo o que precisávamos era que um demônio aceitasse a nossa alma e com sorte veremos o meu bebê completar sete anos.

Com a minha mente em um futuro fictício mal notei quando Plawan terminou de ler a invocação.

"Só isso?" Ele perguntou olhando em volta.

"Acho que você leu errado", me viro e me sento.

Antes que Plawan dissesse um vento surgiu do mais completo nada apagando as velas, as janelas se abrem deixando a friagem que a madrugada trás entrar e nos rodear, a porta que até então era a única que permanecia fechada se abre revelando a sombra de um homem.

Vestindo um sobretudo preto que se arrasta pelo chão o rapaz se move como uma cobra, com passos lentos mas ágil ele se abaixa a minha frente e estende a mão para tocar meu ventre, sentindo o calor de sua mão eu recuo.

"Não há motivos para medo", a vibração de sua voz faz com que todas as janelas se fechem e a luz se acenda assim nos permitindo ver o seu rosto... *humano*, "afinal, eu fui convidado", ele diz se erguendo e voltando a estender a mão para mim.

“Você é humano” Plawan diz me ajudando a me levantar e me manter atrás de si “o que quer conosco?!”

“Eu não quero e nem necessito nada de vocês”, o estranho avança um passo fazendo as pernas do meu marido tremer, “vocês me chamaram aqui, não chamaram?” Ele arqueia a sobrancelha fazendo as luzes se apagar novamente.

Com a pouca iluminação que a luz da lua nos proporciona, consigo ver chifres e patas de bodes na sombra do estranho à nossa frente, e então me dou conta do que fiz. Invoquei um demônio em minha casa, estou grávida do meu filho como fui capaz de fazer algo assim.

“A criança está morta” o demônio diz, fazendo as luzes se acenderem e se aproxima, “não tem chances de você ter esse bebê, amanhã você irá ao hospital para mais uma tentativa de ganhar a criança, vai ser encaminhada para o quarto, vai achar que tudo vai dar certo, mas não vai. A criança vai nascer morta, você vai perder muito sangue vai ficar a beira da morte, Plawan vai culpá-la pelo resto da vida afirmando que o seu corpo foi fraco, mas na verdade essa criança nunca teve chances.”

Com o rosto encharcado empurrou Plawan para o lado e me esforço para dar alguns passos ficando a frente do demônio bonito.

“Por favor, salve o meu filho.”

“É claro, mas você entende como são os negócios, não é?” Ele diz sem me dar tempo de respondê-lo, “afinal seu pai é um agiota, você não aprende mesmo, não é?”

“O que você quer?” digo sentido às dores, “quer dinheiro? A minha alma? A nossa alma?!” Digo em desespero enquanto ele se diverte.

“Não, não quero nada disso” ele diz me guiando até o sofá, “sabe Flower, consigo vê-lo, Barcode correndo em um campo junto a você enquanto ele tenta subir uma pipa, Plawan não está distante” ele cobre meus ombros com meu chalé enquanto conta o meu sonho “ele está sorrindo vendo as duas pessoas mais importantes.”

“Por favor, salve meu filho.”

“Eu salvarei o pequeno Barcode e darei a melhor saúde para ele”, o demônio toca minha cabeça”, ele vai ter o seu sorriso e os olhos de sua mãe, a personalidade alegre e contagiante do pai de Plawan e tudo isso por um preço.”

“Qual? Plawan diz, “Já damos o nosso preço, as nossas almas.”

“Não, eu não estou salvando nenhuma das duas almas”, ele se levanta, “quero a alma do Barcode.”

“Não!”

“Tudo bem, não estou aqui para vender, são vocês que estão interessados em comprar.”

“Não vou entregar a alma do meu filho para um demônio!” berra Plawan.

“Jeff, meu nome é Jeff”, Jeff caminha numa lentidão torturante até a porta, “dei o meu preço, vocês se recusaram, então, o seu pequeno Barcode nascerá, deixarei vocês ter a breve ilusão que conseguiram salvá-lo e no seu terceiro dia de vida, eu mesmo venho buscá-lo.”

“Não!” Me joga no chão, “não posso lhe entregar a alma do meu filho, você pode pegá-la a hora que quiser.”

“Ah, é de tempo que vocês estão falando” ele diz caminhando em minha direção, “saia do chão, não precisamos de drama, darei dezoito anos ao Barcode e virei buscá-lo, nessa mesma casa, nesse mesmo dia e nessa mesma hora, não tente escondê-lo que prometo que vou deixá-lo viver.”

“Como posso confiar em um demônio?” Diz Plawan.

“É Jeff!” Diz ele fazendo as luzes estourarem, “não dou nada para ninguém, estou fazendo uma troca cumpra com a sua parte que eu cumprirei com a minha.”

“Fechado”, digo antes que Plawan o irrite ainda mais.

As portas e as janelas se abrem e os olhos negros e puxados de Jeff ganham o tom de sangue e o seu sorriso cresce, uma imagem que eu jamais esquecerei.

Sinto algo tocar em meu útero antes das portas baterem e Jeff desaparecer.

“O que você fez?!” Grita Plawan.

“Barcode vai nascer!” Digo após sentir que a bolsa estourou, “preciso ir pro hospital.

Não deixarei que o Jeff toque em um fio sequer do meu pequeno Girassol, vou fugir e me esconder onde ele jamais me achará.

22:47

O trem chacoalha ao virar e preciso me agarrar com mais firmeza na barra acima da minha cabeça, enquanto me esforço para abrir o WhatsApp e retornar a ligação de Love, e tudo isso com a mão esquerda.

Após três toques a minha melhor amiga finalmente me atende.

“Oi!” Digo me erguendo nas pontas dos pés para ver qual é a próxima estação.

É a minha.

“Code”, ela grita do outro lado da linha. Fecho os olhos e afasto o celular dos meus tímpanos, “amanhã é o seu aniversário!”

“Eu sei.”

“Eu ando tão atarefada com o estágio e a faculdade que me esqueci completamente dele”, ela se joga no que parece ser uma cama, “precisamos comemorar, vamos comprar bebida e um bolo no mercado e vamos lá para casa.”

“Pode ser, chamamos os Gemini e Fourth?”

“Óbvio!” Ela se remexe, “vai ser tudo, vou mandar todos detalhes pelo grupo.”

“Tá bom, vou desligar.”

“Tá no trem?”

“Sim, beijos”, digo pressionando o dedo no botão vermelho e guardando o aparelho na minha bolsa transversal, “dá licença”, me abaixo para passar por baixo do braço de um senhor que parece ter uns quarenta anos, “deixa eu passar rapidinho”, passo por trás de uma garota que não parece ser tão mais velha do que eu, “obrigado” a agradeço antes de deixar o trem.

Solto um suspiro pesado me agarrando a alça da minha bolsa.

Após beber um gole de água, caminho até a escada que me leva para fora da estação.

Um vento gelado sopra o meu cabelo descendo por minha nuca e adentrando em minha camiseta, me fazendo virar.

Sinto que no breu da noite há alguém me observando, olho para direita e para esquerda. Com medo termino de subir os degraus e corro para fora da estação.

Graças as constelações minha casa não fica longe da estação, só destranco o cadeado em volta da minha bicicleta e pedalo até a moradia em que cresci. Lembro-me que antes de completar nove anos, minha família mudava constantemente, até que vínhamos para o interior e meus pais decidiram que aqui estaríamos seguros.

Com uma sensação similar a da estação, entro na escuridão que a minha casa se encontra.

Tudo normal, Barcode, ninguém vai querer sequestrar um pobre como você, repito em minha mente enquanto caminho pelo jardim.

Mamãe foi para a cidade vizinha ficar com vovó que adoeceu há algumas semanas e papai trabalha no exterior, então estou sozinho na véspera do meu aniversário.

Tranco as portas e janelas, acendo todas as luzes e com uma faca olho cada cômodo para ter certeza que estou só, e graças a mercúrio não há nenhum bandido aqui.

Sentado na beira da cama abro o grupo no WhatsApp para ver se dissipa a sensação de estar sendo observado.

Poclândia

Love sem amor ❤️: Code faz dezoitão amanhã!!!!

Love sem amor ❤️: Precisamos comemorar!!!!

Gêmeos: Na sexta feira 13???

Gêmeos: Não vou nem sair de casa.

Gêmeos: E o Fot também não, foi mal Code.

Gêmeos: Alguém pesquisa no Google se dá azar fazer festa de aniversário na sexta feira 13.

Gêmeos: Tô na faculdade.

Vem de 🐈 Calma Gem, é só ficar longe de gatos pretos, escadas e essas coisas.

Gêmeos: O Code tem a Luf Luf, que é uma linda gata preta!!!

Love sem ❤️: Não surta Gem, é o aniversário do seu amigo de infância você vai sim!!!

Love sem amor ❤️: Aliás, tava pensando em fazer uma festa temática na sexta-feira 13.

Love sem amor ❤️: Vou usar a minha fantasia de bruxa do Halloween passado.

Vem de 📺Você usou uma fantasia de abóbora no Halloween passado.

Love sem amor ❤️: Eu jamais usei uma fantasia de abóbora.

Gêmeos: [foto]

Gêmeos: Essa aqui não é você?

Vem de 📺[vídeo]

Vem de 📺E essa no vidro girando com uma fantasia de abóbora não é você??!

Com uma risada que sai do fundo da minha garganta, o medo de estar sendo vigiado se esvai e deixo o celular de lado indo até a área de serviço e pegando uma toalha e indo até o andar de cima tomar um relaxante banho de banheira.

Com todas as luzes acesas e com a fumaça de incensos flutuando pelo ar, deito a minha cabeça na borda da banheira e fecho os meus olhos aproveitando a água quente.

A mesma sensação de antes na estação volta junto a barulhos de passos no andar a baixo, junto ao frio eu dou um pulo saindo da banheira me agarrando na toalha. Deixo o banheiro aos tropeços e corro para dentro do meu quarto trancando a porta.

Por todas as estrelas mortas, ainda bem que eu deixei as luzes acesas. Pego o meu celular que descansava na beira da cama e disco o número de emergência - da minha mãe.

“Oi, Code aconteceu algo?” Ela tende no primeiro toque.

“T-tem alguém aqui... tem alguém aqui mamãe!”

“Respire fundo, o papai já está indo para aí, se tranque no seu quarto e deixe as luzes apagadas.”

Antes que eu possa responder qualquer coisa as luzes piscam antes de se apagar de vez, as janelas trancadas todas se abrem em um baque junto às portas.

“Barcode, filho...” são as últimas coisas que escuto antes do sinal cair e a ligação se encerrar.

Os passos se aproximam, corro em direção ao closet que se fecha na minha cara, corro pra porta que dá em direção ao corredor, talvez eu consiga derrubar quem quer que seja, mas no entanto a porta volta a se fechar e a minha única saída é a janela onde corro me apoiando até o batente antes de recuar após ver a minha casa cercada por homens usando roupas pretas.

Que porra está acontecendo aqui?!

“Olá, Barcode”, diz a voz do homem que entrou em meu quarto.

00:00

Com o pânico crescendo dentro de meu peito e se espalhando solto a toalha que vinha agarrando esse tempo todo e só fui perceber que fiz tal proeza quando o rapaz escondido as sombras soltou uma risada e diz:

“Uh, como veio ao mundo, não achei que seus pais seriam tão radicais.”

Não consigo mais conter o desespero, já sinto as lágrimas se acumularem abaixo dos meus olhos.

Me abaixo pegando a toalha do chão e voltando a cobrir o meu corpo nu.

“Quem é você?!” Grito, “o que quer comigo?!”

“Sou Jeff” ele diz deixando as sombras.

Um homem de cabelos compridos e escuros, parece ser daqui da Tailândia apesar dos seus olhos serem maiores dos tailandeses comuns, seus olhos são grandes e só perde para o seu sorriso. Com suas mãos no bolso do sobretudo que se arrasta pelo chão ele dá um passo se aproximando e eu dou um passo recuando.

“Sua família sabe o que eu quero com você, pensei que eles fossem preparar você para esse dia”, ele me avalia com seus olhos antes de lambear o lábio inferior, “todos dos meus prometidos até agora foram preparados, mas acho que entendo o que os seus pais tentaram fazer”, outro passo se aproximando e outro passo meu recuando, “todos esses anos se mudando, fugindo dos meus homens, nunca deixando você sozinho, tendo a certeza que os seus amigos eram pessoas.”

Outro passo se aproximando, não há mais lugar para fugir, tropeço no pé da cama caindo em cima do colchão.

‘Mas quem diria, não é?’ Ele posiciona os joelhos na lateral do meu corpo sentando no meu estômago, “que o Kiko teria que segurar o seu pai um dia a mais do que o combinado e a Vovó Plan doente? Uh de cortar o coração”, ele leva a mão em seu peito antes de colocá-la em volta do meu pescoço, se inclinando para ficar face a face comigo, “tia Goushn tendo que viajar a trabalho deixando a mamãe longe o suficiente para proteger o pequeno Code, e o demônio do mal, que salvou a sua vida, livre e pronto para te pegar.”

Tento empurrá-lo, mas o seu aperto em volta da minha garganta arranca o ar dos meus pulmões.

“Mas, diferente do que você pensa, darei a oportunidade de seus pais explicarem e se despedirem de você.”

As luzes se acendem e as janelas se fecham, ele dá um meio sorriso acariciando o meu rosto.

“Está na hora de ir para casa, pequeno”, ele sai de cima de mim, “vá se trocar, faz frio no inferno.”

JEFF

Após muita relutância o pequeno vai para dentro do closet se vestir com a promessa que levarei ele até os seus pais para que os dois vigaristas expliquem a situação.

Faz algum tempo que não venho a Tailândia, deixei para trás os acordos pequenos de almas mundanas, nem se quer venho mais buscá-las, são Cole e Kol quem tem esse trabalho, mas após a família Tinnasit acha que poderia me enganar, percebi logo no quarto mês de vida de Barcode qual era o plano daqueles dois, mas ainda sim continuei enviando os meus homens durante nove anos, e eles continuaram a se mudar, a se esconder ate que decidi entrar no joguinho estúpido daqueles *cuzões* e fingi que não sabia onde Barcode estava, em todos os aniversário do menino, ele nunca ficava sozinho, nunca tive a oportunidade de vê-lo pessoalmente, mas tinha que busca-lo, e com aqueles dois vigaristas em volta dele não daria para buscar o meu pequeno.

Mas agora vamos para casa, Barcode conhecerá o seu verdadeiro lar.

JEFF

Desço as escadas carregando a mochila cheia de roupas e o celular de Barcode analisando a decoração clássica da casa dos Tinnasit, a sala tem dois sofás de linho com tapete bege claro, muito branco para o meu gosto. Não gostei.

Volto a realidade ao ouvir Barcode soltar um grunhido de dor, aumento a velocidade dos meus passos deixando a casa familiar a tempo de ver Lutous com as mãos em volta do pescoço do meu pequeno e jogá-lo para dentro da minha SUV.

Relaxo os ombros jogando a mochila para Luf, guardo o celular do rapaz no bolso interior do meu sobretudo, com mais alguns passos alcanço Lutous o segurando o seu pescoço por trás o jogando no chão, “não toque no que é meu”.

Ajudo o menino de cabelos negros a se sentar e entrego o celular para ele, “você esqueceu isso”, alternando o olhar entre mim e o aparelho ele o pega.

“Obrigado, eu acho”.

Fofo.

“Você está bem?”

“Não, vai devolver a minha alma?”

Abaixo a cabeça para que ele não me veja sorrir, “tenho uma pergunta”, ele diz enfiando o celular no bolso.

“Não fique receoso, pergunte o que quiser”, digo com sinceridade.

“Se você é o satã, como diz ser, porque você não simplesmente estala os dedos e me leva para casa da minha avó?”

Levo a mão à frente dos lábios antes de rir, “o que tem de engraçado nisso?”

“Nada, mas você é engraçado”, digo encontrando seus olhos em meio a escuridão, “para de irmos para os lugares tão rápidos assim teríamos que passar pelo inferno”, começo ganhando toda a sua atenção.

“Eu não vou para lá de qualquer jeito?”

“Jamais deixaria uma alma tão doce como a sua entrar em um lugar tão imundo como aquele.”

Com as sobrancelhas franzidas ele diz: “e vamos para onde então?” antes de ter a sua voz ofuscadas pelo barulho do carro que vinha em alta velocidade estacionar em frente a casa clássica da família Tinnasit, Plawan sai do carro as pressas avançando contra os meus homens, toco no joelho do garoto que olha toda a cena com espanto e digo “vamos para casa, meu pequeno” e saio do carro.

“Não, não!”, Ele berra com as lágrimas brotando de seus olhos, “me leve no lugar dele, por favor eu imploro”, ele se ajoelha sendo impedido de se aproximar por meus homens.

Dou um sorriso ajudando Barcode a sair do carro e agarrando em seu braço - a pele tão quente e tão macia - dou alguns passos carregando o garoto comigo “vou dar alguns minutos para você se despedir dele” sussurro próximo ao ouvido do menino dos olhos de estrelas, “não pense que não posso matá-lo sem nem tocá-lo, porque eu posso”, eu o solto e ele corre em direção ao pai o abraçando.

Me encosto no carro com os braços cruzados observando os murmúrios e sussurros que os dois Tinnasit trocam em meio às lágrimas, tem algumas partes que ainda consigo ouvir “eu disse que não daria”, “eu vou morrer?” entre outras baboseiras.

“Eu vou contigo”, diz Barcode se levantando ainda com os dedos entrelaçados ao do pai - como será a sensação de ter o toque dele em minha pele? - “mas não pode machucá-los, tá bom?” ele limpa as lágrimas no torço da mão.

Uma risada ecoa da minha garganta jogando a minha cabeça para trás “está tentando fazer um pacto comigo, é isso?”

Em um súbito, Plawan dá um pulo ficando de pé “não, filho, não faça isso!” Ele puxa o filho para si.

“Não”, Barcode abandona o toque do pai ficando a minha frente, é impossível não sorrir, “estou te pedindo para não machucá-los, por favor.”

Toco o seu queixo, porque é inevitável não tocá-lo “e porque acha que tenho que fazer o que você pede?”

Sua voz falha ao dizer “sou importante para você, por isso veio pessoalmente e não mandou um de seus homens, estou certo?”

Desconto do carro, abro a porta do carro para que o menino entre e assim ele faz, “você tem um ponto, um bom ponto, mas não é totalmente verdade” fecho a porta me virando para o Plawan, “foi um prazer fazer acordo com a família Tinnasit, sabe como me encontrar Plawan Tinnasit”, dou a volta no carro me sentando ao lado do Barcode, “é hora de ir pra casa, meu pequeno”, aperto o joelho do meu garoto.

Agora sei que a minha alma está salva.

3:33

Seguro o único travesseiro que sobrou depois de jogar todos os outros no demônio à minha frente, já sem muita paciência. Ele cruza os braços, apoiando o peso do corpo em uma das pernas. Me pergunto se esse é realmente o corpo dele ou se ele incorporou nesse homem bonito. “Se me lembro bem”, ele começa, “você concordou em ir sem relutância.”

“Sim.” Cravo as unhas no travesseiro — se eu sufocar ele com isso, será que ele morre ou volta e me possui? “Mas você prometeu que eu ia me despedir dos meus pais.”

Ele assente com os olhos fixos em mim. “E eu cumpri com a minha promessa.”

“Não,” balanço a cabeça, “só me despedi do meu pai. Ainda falta a minha mãe e os meus amigos.”

Jeff descruza os braços e, com uma sobrancelha erguida, dá alguns passos em minha direção. Me escondo atrás do travesseiro.

Suas mãos agarram o travesseiro macio do hotel de oito estrelas para o qual ele me trouxe. Me livro dele jogando no demônio e corro pela cama, indo para o outro lado do quarto.

“Desde quando amigos são família?” Ele ajeita os fios longos, colocando-os atrás da orelha.

“Não posso fazer nada se você é um demônio solitário, sem família e sem amigos, e tem que fazer pactos para ter alguém na sua vida.” Só percebo o que disse quando vejo suas sobrancelhas arquearem. Levo a mão à boca, arrependido, mas não peço desculpas.

“Eu tenho amigos,” ele pega o travesseiro do chão, “mas tudo bem, vou deixar você se despedir da sua família. Depois disso, vamos embora, sem nenhum joguinho. Entendeu?”

“Certo.” Estufo o peito. “Agora sai do meu quarto. Quero dormir,” digo, já subindo na cama enorme que o hotel nos oferece. “Onde já se viu querer me tirar da Tailândia às três da madrugada?”

“Não se acostume. Em casa será diferente.” Ele joga o travesseiro em meu rosto e sai do quarto.

“Óbvio que vai, é no inferno,” murmuro, me aninhando debaixo das cobertas. “Demônio abusado.”

Abro os olhos ao ouvir várias batidas na porta. Deve ser o serviço de quarto. Me arrasto até a porta e abro uma fresta, espiando. Vejo duas pernas em calças de alfaiataria, uma capa quase arrastando no chão e sapatos que parecem mais caros que a casa do Gemini.

Este é um hotel oito estrelas mesmo. Será que estão contratando?

Levanto a cabeça e me assusto ao ver Jeff me observando com um sorriso. Bato a cabeça na porta, fazendo-o rir.

“Quer tomar uma xícara de café?” Jeff me estende a mão, mas eu a recuso. Ao tentar me levantar, embolo o pé em um dos três cobertores que usei na noite anterior e quase caio. Por sorte, o satã me agarra pela cintura antes que eu atinja o chão. “Está tudo bem?” Ele pergunta, ainda segurando minha cintura.

Seu toque é quente, como se o sol estivesse beijando minha pele. Embora seja um calor agradável, meu corpo inteiro se arrepia.

“E-estou,” respondo, me afastando de seu toque, mas sentindo falta da sensação que me envolveu há instantes.

“Certo.” Ele sorri, colocando as mãos para trás. “Então, vamos tomar café?”

“Vai indo na frente.” Me desvencilho dos cobertores. “Ainda preciso escovar os dentes.” Entro no quarto e tento fechar a porta, mas não escuto o clique. Olhando por cima do ombro, vejo que Jeff entrou no quarto e está recolhendo os cobertores espalhados pelo chão.

“Quantos anos você tem?” Ele diz com ironia. “Cinco?”

Pensei em tomar um banho longo e relaxante, mas há um demônio esperando por mim, então não fico mais que quinze minutos no banheiro.

“Que rapidez,” ele comenta ao sair da cama que, surpreendentemente, está tão arrumada quanto estava quando cheguei.

“Como você arrumou tudo tão rápido?” Pergunto, intrigado.

“Tenho minhas técnicas,” ele diz, me guiando para fora do quarto. “Lembra do nosso acordo, certo?”

“Eu não fiz acordo algum com você.” Entro no elevador e aperto o botão para o térreo.

“Você sabe do que estou falando,” ele se recosta no espelho, cruzando os braços. “Sem joguinhos.”

“Tanto faz,” reviro os olhos. “Podemos comer?”

“Claro,” ele responde quando o elevador se abre e me guia até o refeitório.

Quando Jeff entra no salão, iluminado por um lustre que eu jamais poderia comprar, todos os olhares se voltam para ele, como se não fosse um demônio que tinha obtido minha alma. A cada passo, os olhos das pessoas brilham, como se ele fosse um anjo iluminado por Deus.

“Você é tão charmoso,” ele sussurra em meu ouvido, “que todos estão te olhando.”

“Estão olhando para você,” resmungo.

“Não é isso que eu vou lembrar,” ele diz, puxando uma cadeira para que eu me sente. Logo uma funcionária se aproxima com os cardápios, mas Jeff nem se dá ao trabalho de abrir o dele.

“Uma panqueca com bastante mel, por favor,” ele pede com um sorriso gentil.

“Eu...” hesito, olhando o cardápio.

“Ele vai querer beignets,” Jeff diz por mim, e suavemente desliza os dedos sobre a mesa, tocando a mão da garçonete. “É um achocolatado, se possível.”

“Claro,” ela responde, sorrindo como se ele fosse o ser mais doce do mundo, antes de nos deixar a sós.

“Com esse sorriso, eu tiraria a roupa facilmente para você,” digo, sem pensar.

“Vou guardar essa informação para mais tarde,” ele diz, tirando o sobretudo e o colocando sobre a cadeira.

“Mel é algum trocadilho para almas?” Tento mudar de assunto. “Vai comer a minha alma?”

“Hum... Quem sabe? Você já tem dezoito anos?” Eu arregalo os olhos, e ele ri. “Não, não tem trocadilho. Eu só gosto de doces. E você?”

“Sim.” Por um momento, esqueço que ele é o demônio que controla minha alma. “Tenho mais uma pergunta.”

Ele cruza os dedos sobre a mesa. “Faça quantas quiser, pequeno.”

Antes que eu fale, a garçonete loira volta com nossos pedidos. Enquanto coloca o meu prato, ela lança olhares insinuantes para Jeff, inclinando-se de maneira provocante, mas ele a ignora.

“E então?” Ele corta um pedaço do bolo com mel e o oferece. “Qual é a sua pergunta?”

Antes de perguntar, experimento o pedaço que ele me oferece. “Gostou?” Ele pergunta.

Assinto, de boca cheia. “Você precisa comer ou faz isso só por prazer?”

“Você acha que eu nasci demônio ou me tornei um?” Ele me responde com outra pergunta.

“Hum...” demoro a responder, e ele aproveita para comer mais um pouco. “Nasceu?”

“Há dúvida na sua voz,” ele comenta. “Vou deixar você pensar mais um pouco.”

Isso não é justo, penso, mas sorrio ao vê-lo tentar comer sem se sujar com o mel.

Conversamos até terminarmos o café. A mesma garçonete volta, dessa vez trazendo guardanapos extras, embora já estivéssemos usando os de pano.

“Ei,” Jeff pega um dos guardanapos de papel, “não está vendo que estou com meu noivo?” Ele joga o guardanapo na mesa, me permitindo ver o número de telefone que ela havia escrito.

“Noivo?” Ela sorri sem jeito. “Mas não vejo aliança alguma.”

“Você não vê,” ele diz, levantando-se, “porque vou pedi-lo agora.” Ele tira uma caixinha preta do bolso e se ajoelha à minha frente.

Ele afasta o cabelo dos olhos e me lança uma piscadela. Meu coração se enche de uma vontade inexplicável de ajudá-lo.

Abro um sorriso, levando as mãos ao peito. “Pequeno, sei que você não tem dúvidas sobre o meu amor, de tanto que eu o conjuro em sua presença. Mas quero que você tenha certeza de que ele existe e que jamais vai sumir, porque eu te amo infinitamente.” Ele abre a caixinha, revelando um anel com as letras “J” e “B” entrelaçadas em um coração.

“Não há outra resposta a não ser sim.”

Ele coloca o anel no meu dedo e me puxa para um abraço. “Vou te beijar,” ele sussurra.

“O quê?” Respondo no mesmo tom.

Seus lábios tocam de leve o canto dos meus. Sinto o gosto doce do mel, mas há um amargor no final, como chocolate meio amargo numa sobremesa muito doce, algo que te faz querer mais.

O quase beijo de Jeff não dura mais de dois segundos, mas me faz desejar passar uma noite inteira com seus lábios sobre os meus e suas mãos quentes em meu corpo.

Ele coloca o sobretudo de volta e se afasta. Só consigo suspirar, olhando para o chão. Ele me guia para fora do hotel. Seus homens já estão à nossa espera no estacionamento.

Jeff ri alto até ficar sem ar e precisar se apoiar nos joelhos para se recompor. Não sei o que há de tão engraçado, mas acabo rindo também.

“Não tenho mais idade para isso”, ele diz, ainda ofegante.

“Qual a sua idade?”, pergunto, acompanhando-o pelo estacionamento, esquecendo completamente do plano de fuga, que consistia em chutar Jeff e correr para a floresta que cerca o hotel.

“Parei de contar após o primeiro milênio”, ele responde, abrindo a porta do carro para que eu entre. “E isso já faz um tempinho.”

Espero até ele entrar no carro para continuar. “Bom, vai ter uma festa na minha casa.”

“Já quer me apresentar para sua família?”, ele provoca.

Reviro os olhos, tentando não sorrir com a sugestão.

“É uma boa oportunidade para eu me despedir da minha mãe e dos meus amigos”, digo, “mas você não pode ir assim.” Me dou conta de que ainda estou com o sobretudo dele nos ombros.

“O que há de errado com a minha roupa?” Ele analisa o terno preto que está vestindo. “Estou de social.”

“Vou dizer que você é meu primo, e nenhum dos meus primos se veste como um velho.”

“Eu não sou e nem me visto como um velho.”

“Você tem mais de um milênio de vida”, retruco.

“Você beijou um velho com mais de um milênio de vida”, ele diz com um sorriso.

“Não foi um beijo”, respondo, sentindo minhas orelhas esquentarem.

“Não vai ser assim que eu vou me lembrar.” Ele cruza as pernas e se vira para mim. “Mas tudo bem, como vou trocar de roupa?”

“Tem um shopping a caminho da minha casa. Vamos passar lá.”

Ele assente e passa as coordenadas para o motorista, que já havia deixado o motor ligado.

...

“Hum”, analiso as camisas floridas e de botões que Jeff escolheu, “essas são piores que as polos.”

Ele revira os olhos, desistindo de escolher suas próprias roupas. Estendendo a mão, pega uma camiseta de uma banda qualquer e um jeans, indo para o vestiário.

“Estou me sentindo um velho tentando ser adolescente”, ele diz ao sair de trás da cortina.

“E você é o quê?”, pergunto, indo até ele e desdobrando as mangas da camiseta. “Agora só falta um par de all-stars.”

“Sinto que você está idealizando seu tipo em mim”, ele comenta, atrás de mim, com um tom brincalhão.

Enquanto Jeff experimenta os all-stars, fico admirando as pantufas da loja, especialmente uma de pato.

“Isso combina com você”, a voz de Jeff soa atrás de mim, me fazendo pular de susto. Ele ri e acrescenta, “querida, vamos levar essa pantufa também”, pegando-as delicadamente das minhas mãos e entregando à vendedora.

“Obrigado”, digo quando já estamos fora da loja, “mas não precisava.”

“É claro que precisava”, ele responde, me entregando a sacola de papel. “É seu aniversário, afinal.”

“Já que é meu aniversário”, mordo o lábio inferior enquanto Jeff me observa de canto, “você poderia devolver minha alma.”

Seus olhos murcham de tédio. “Não é assim que as coisas funcionam”, diz ele, virando à direita. “Acha que demônios não trabalham? Eu tenho um chefe.”

“Um chefe?”, pergunto, intrigado. “É por isso que você disse que eu era importante, mas não necessariamente para você?”

“Olha!”, ele aponta, “uma loja de doces. Vamos comer um docinho.” Ele apressa o passo, claramente fugindo da conversa.

Quem será o chefe do Jeff?

